

ZUMTHOR, Peter. **Pensar a arquitetura**.
Barcelona: Gustavo Gili, 2005. 66p.



A partir das coisas

Alda Mirian Augusto de Oliveira*

Pensar a arquitetura reúne seis conferências de Peter Zumthor, proferidas em simpósios e universidades no período de 1988 a 1998, numa edição ilustrada com fotografias de Hélèn Binet. São imagens de obras do autor, sem títulos nem referências, dispostas ao longo do livro numa ordem aleatória e sem vínculo direto com os textos. São sempre imagens parciais, que criam expectativas de um todo e, mais que uma ilustração do texto, representam seu pensamento. Na verdade, as imagens ambientam o texto. No livro, Peter Zumthor, professor de projeto na Universidade de Arquitetura em Mandrisio

267

* Arquitecta pela UFMG, mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas-Artes da UFMG, professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC Minas.

(Suíça) e autor de várias publicações, reflete sobre seu fazer arquitetura de forma simples, utilizando uma narrativa quase coloquial.

Zumthor nasceu em 26 de abril de 1943 na Basiléia, Suíça. Filho de marceneiro, iniciou seu aprendizado de carpintaria em 1958. Estudou *design* na Kunstgewerbeschule, em Basiléia. Na década de 60 continuou sua formação no Instituto de Pratt, em Nova York. Nessa época também participou de trabalhos de restauração de edifícios históricos. Graduou-se em arquitetura em 1968, na Suíça. A formação artesã de Zumthor e a vivência do fazer estão no cerne do seu pensamento e explícitas em sua expressiva obra de arquitetura. Ele trabalha sozinho em seu escritório de projetos em Haldenstein, Graubunden, na Suíça, desde 1979.

Arquiteto com uma atitude estética que transcende o meio de expressão da arquitetura, ele encontra afinidades nas outras artes. Impressiona-se com a *arte povera*, sobretudo com o emprego preciso e sensual do material desses artistas e busca uma maneira semelhante de empregar os materiais. Inspira-se na música de Sebastian Bach, na arquitetura de suas composições de uma construção clara e transparente. “É possível seguir em particular os elementos melódicos, harmônicos e rítmicos da música, sem perder o sentido da composição no seu todo, em que todas as particularidades encontram o seu sentido”. Foi homenageado com o Prêmio Carsberg de Arquitetura em 1998 e vencedor do VI Prêmio Mies van de Rohe de Arquitetura da União Européia, em 1999, com o Museu de Arte Bregenz na Áustria.

Nas seis conferências reunidas nessa publicação, Peter Zumthor fala do seu trabalho, do espaço da arquitetura, do ensino/aprendizagem, sempre a partir da percepção sensorial das coisas. Debate e elabora sua relação com o fazer, tendo como referência o pensamento de Martin Heidegger – “A permanência ao lado das coisas é o traço essencial do ser humano”.¹ Para ele, essa afirmação significa que sempre nos encontramos num mundo real, nunca num espaço abstrato, nem mesmo quando pensamos. Ele acredita na precisão da intuição, no conteúdo de verdade da experiência sensível real, para além das opiniões ou idéias abstratas.

¹ Trecho do ensaio “Construir habitar pensar” de Martin Heidegger.

Na primeira conferência, “Uma intuição das coisas” (1988), Zumthor define a arquitetura e se posiciona em relação a essa tarefa – “O verdadeiro núcleo de qualquer tarefa arquitetônica encontra-se, no meu entender, no ato de construir”. Sobre a representação do projeto, Zumthor declara que o desenho arquitetônico tem o dever de tornar mais clara a ausência do objeto arquitetônico real. Há de se estar consciente da insuficiência de qualquer representação e manter a curiosidade pela realidade nela prometida. Zumthor procura a vocação das coisas e dos lugares. Para ele, o sentido da obra nasce quando se criam no objeto significados específicos de certos materiais que só podem ter sentido de uma determinada maneira, num determinado lugar.

Na conferência “O núcleo duro da beleza” (1991), ele discute a questão estética, situando sua busca pela beleza a partir do pensamento de Ítalo Calvino – “O poeta do vago só pode ser o poeta da precisão” (CALVINO, 1998, p. 78). Zumthor afirma que o belo deve ser vago, aberto e indefinido, porque deixa à forma possibilidades para várias significações. E a maneira que ele encontra para conseguir esse vazio, que dá aceso a diversas percepções, é na exatidão do ofício: é na concretude do material que ele significa e sensibiliza o espaço. A beleza da sua obra está na materialidade das coisas.

O lugar é ponto de partida de seu processo de criação do projeto. Idéias e imagens começam a ser criadas depois da observação precisa e sensorial do lugar do projeto. Na conferência “Das paixões pelas coisas” (1994), Zumthor fala do lugar, percebe e faz críticas aos espaços por meio de descrições de vivências dos lugares, muito mais do que da observação, e se confessa um mau observador. Tal constatação, um tanto contraditória, entre observação e percepção, é uma característica marcante de seu pensamento. Ele aprecia a arquitetura que disponibiliza o espaço, que se deixa habitar, que presente as necessidades e as satisfaz discretamente.

Na conferência “O corpo da arquitetura” (1996), apresentada no simpósio *Form follows anything* em Estocolmo, Zumthor descreve espaços de obras publicamente reconhecidas do ponto de vista da percepção pelos cinco sentidos. No entanto, ele não enfatiza o sentido visual, como é comum a um crítico de arquitetura que escreve com o compromisso de tornar visível uma

imagem através do texto; apenas escreve pequeninas crônicas de obras de outros mestres.

Ao escrever sobre o ensino da arquitetura, Zumthor parece trabalhar a relação mestre/discípulo com seus alunos. Na conferência “Ensinar arquitetura, aprender arquitetura” (1996), essa postura fica explícita. Como um reflexo da sua formação artesã, a sua metodologia de ensino se faz pela vivência. “Fazer arquitetura significa colocar questões a si próprio, significa aproximar-se, cercar, encontrar a própria resposta com o apoio do professor. Vezes sem conta”. O método de projetar que gosta de transmitir aos alunos é o pensar por imagens, pois produzir imagens mentais é um processo natural, faz parte do processo mental.

Fechando o livro, consciente da polêmica que envolve o discurso arquitetônico sobre a forma e a função, Zumthor escreve a conferência “A beleza tem forma?” (1998). A beleza existe, afirma ele, mas a questão é onde encontrar regras que garantam a beleza nas criações. Ele não acredita que o conhecimento teórico da harmonia, da cromática, da “seção áurea” e do conceito “forma segue a função” seja suficiente para a criação do belo. “Penso que cada objeto bem-feito tem uma estrutura de ordem adequada que determina a sua forma e faz parte da sua natureza. É essa essência que quero descobrir, mantendo-me assim, ao projetar, muito perto das coisas”.

270 O estudo das obras de arquitetos com uma produção relevante, tal como a de Zumthor, é de grande contribuição na formação do estudante de arquitetura e na reflexão sobre a produção da arquitetura de cada época. O livro **Pensar a arquitetura** facilita o entendimento da obra arquitetônica de Peter Zumthor pela capacidade que ele possui de identificar o que percebe e de narrar essa percepção através de um texto claro. Embora Zumthor afirme não se basear em teorias da arquitetura para produzir seus projetos, seu texto relaciona com desenvoltura o seu pensamento e a sua obra. Além de uma grande capacidade imaginativa, ele tem consciência de onde nascem suas idéias. Desinteressado pela arquitetura recente, Zumthor mostra seu pensamento através do fazer e a partir das coisas concretas.

Referências

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

Endereço para correspondência
Alda Mirian Augusto de Oliveira
PUC Minas - Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Av. Dom José Gaspar, 500 – Coração Eucarístico
30535-901 - Belo Horizonte – MG
e-mail: aaalda@pucminas.br